

24 MAI 1981

Casa Civil mandou Nilo ameaçar as oposições

Senado

A advertência do ministro-chefe da Casa Civil, general Golbery do Couto e Silva, através do líder do Governo no Senado, Nilo Coelho, de que a abertura política sofre riscos em consequência da decisão das oposições paralisarem os trabalhos parlamentares causou sensação e preocupação nas áreas oposicionistas. Na visão do Palácio do Planalto, a obstrução parlamentar projeta intranquilidade em todo o quadro político, embaraçando o Presidente Figueiredo já às voltas com dificuldades graves, como as decorrentes do atentado terrorista no Riocentro e as da crise econômica, com sua caudal de danos sociais e morais.

— O Presidente Figueiredo não se pode dar ao luxo de ver a Oposição desconsiderar a gravidade do momento presente — foi o comentário de fonte governamental, no Rio, deixando claro que o Governo não inclui entre suas prioridades imediatas o debate do problema das regras eleitorais para o próximo ano, reivindicação que serve de pretexto e cobertura para a obstrução do Senado, capitaneada pela bancada do PP e com o aval de seu presidente, o senador mineiro Tancredo Neves.

Os pepistas no Senado têm a solidariedade da bancada do PMDB e o líder governista Nilo Coelho está tendo dificuldades para manter a casa em atividade sem a ajuda da Oposição. Desde quinta-feira, com a convocação urgente dos senadores pedessistas, a Maioria está conseguindo emagrecer a pauta engordada durante quase dois meses de obstrução da Minoria oposicionista. Mas as perspectivas são no sentido de que Nilo Coelho dificilmente conseguirá manter em Brasília todos os seus liderados — que somam 34 num plenário de 66. Mas não apenas a presença física dos senadores pedessistas está complicada como também a Oposição, através dos líderes Gilvan Rocha (PP) e Marcos Freire (PMDB), declara-se disposta a recorrer a todos os recursos regimentais como o da sistemática verificação de quorum. Isso significa que a bancada do PDS não pode ausentar-se durante a discussão e votação nem mesmo para o clássico cafezinho usado como pretexto de muitos para escapulir do Senado.

Homens como Pedro Simon ... (PMDB do Rio Grande do Sul), Itamar Franco (PMDB de Minas), Tancredo Neves (PP mineiro) e Paulo Brossar (PMDB gaúcho), reagem com energia à declaração alarmista feita por Golbery a Nilo Coelho sobre os perigos que pesam à abertura por causa da obstrução parlamentar.

— É clássico nas democracias e da tradição dos Parlamentos, inclusive no Brasil, o recurso da obstrução parlamentar. É privilégio e arma exclusiva das minorias. Como tais, elas só podem invocá-la para manifestar seu descontentamento — comentou, em Brasília, o senador Marcos Freire, explicando que “no caso presente, a minoria está no uso de seus direitos constitucionais, regimentais, morais e tradicionais”.

Não faz sentido, assim, tomar o caso da obstrução parlamentar como capaz de produzir danos ao projeto da abertura política tocado pelo Presidente Figueiredo.



Nilo levou o recado de Golbery que obstrução poderia provocar fechamento.

— As oposições, minoritárias, deixam de votar embora presentes ao Plenário e às votações. Cabe à Maioria votar e aprovar a Ordem do Dia. O Governo tem a Maioria e, obviamente, o dever de votar os assuntos do seu interesse levados ao Senado — destacaram os oposicionistas, para quem o ministro Golbery do Couto e Silva “está exagerando outra vez na observação do fenômeno brasileiro”.

De qualquer maneira, a advertência ou ponderação de Golbery não está sensibilizando as lideranças oposicionistas no Senado a ponto de levá-las a rever a tática da obstrução dos trabalhos do Senado. Ao contrário, soube-se que Tancredo Neves, Gilvan Rocha, Marcos Freire, Paulo Brossard, Humberto Lucena, do comando oposicionista no Senado, encontraram-se nas últimas horas em Brasília para ratificar a manobra obstrucionista, na esperança de que o Palácio do Planalto acabe compreendendo a importância, para o trabalho dos partidos e dos políticos, da apresentação das normas eleitorais para o próximo ano.

— Ninguém, nem mesmo pedessistas, está em condições de partir para o trabalho com vistas ao pleito do próximo ano. Sem definições claras, sem roteiro para orientar as composições, é impossível cogitar-se da campanha eleitoral — comentou, em resumo, o líder Marcos Freire, cuja preocupação, segundo afirma, “é partilhada por grande número de governistas”.

No fim-de-semana que hoje começa, ao que se informou, ontem, em Brasília, os líderes do PDS na Câmara, Cândido Sampaio, e no Senado, Nilo Coelho, devem reunir-se com o Presidente Figueiredo e com o ministro Golbery do Couto e Silva, para tratar do problema das normas eleitorais. Nilo tem pronto relato completo dos problemas que a indefinição do Planalto está provocando dentro do pedessismo, bem como o estado de inquietação que domina as oposições temerosas de que o Governo proponha regras tão casuísticas quanto inaceitáveis por elas. Nilo comentará que a abertura política não pode prescindir da simpatia das oposições.